



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP  
CAMPUS BINACIONAL OIAPOQUE - CAMBINACIONAL  
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA – CLII  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DO POVO APARAI**  
**NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INDÍGENA E DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA**  
**ALDEIA BONA, TERRA INDÍGENA PARQUE DO TUMUCUMAQUE**

Discente:

**Maiara Imakaripy Apalai Waiana**

Orientadora:

Carina Santos de Almeida

Oiapoque, maio de 2019.

Maiara Imakaripy Apalai Waiana

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DO POVO APARAI**  
**NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INDÍGENA E DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA**  
**ALDEIA BONA, TERRA INDÍGENA PARQUE DO TUMUCUMAQUE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – CLII, da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional de Oiapoque, na área de Ciências Humanas, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Intercultural Indígena, habilitação Ciências Humanas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carina Santos de Almeida

Oiapoque, maio de 2019.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a Ritonõpo (Deus) por ter me dado oportunidade de conseguir tudo que sonhei na minha vida; e se tornou realidade.

Também quero agradecer a minha família que depositou a confiança em mim e me deu apoio durante a jornada de estudo quando enfrentei muitas dificuldades no percurso da vida escolar.

Em especial agradeço meus pais Maruanari Apalai Waiana e a Cecília Awaeko Apalai, que sempre me apoiaram e orientaram para que não desistisse de concluir meu curso. Ajudaram-se de todas as formas, principalmente financeiramente, para que pudesse conquistar meu sonho.

Ao meu marido em especial: Kutanán W. Waiana; que sempre esteve ao meu lado quando precisava de construir algo que não conseguia, juntos conseguimos, sempre dando força um ao outro para não desistir. Lutamos contra as dificuldades que sempre estavam vindo, a cada dia.

Agradeço aos meus filhos Khauan R. Apalai Waiana, Neythan M. Waiana Apalai e Stephany A. Apalai Waiana, que me deram força para lutar e me tornaram uma mulher responsável. Ajudaram emocionalmente a enfrentar todas as dificuldades, com garra e com coragem para concluir meu curso.

Agradeço por conseguir cuidar da minha família, inclusive financeiramente, e poder ajudar meu povo que tanto precisa do fortalecimento da Educação Escolar Indígena.

Também agradeço muito a coordenação de Licenciatura Intercultural Indígena por ter deixado a porta aberta para eu me ingressar no curso. Em especial e, com carinho, agradeço também a professora Carina Almeida, que me ajudou a construir meu TCC e sempre esteve por perto, me orientando para concluir o curso, sem a ajuda dela eu não teria conseguido finalizar o meu sonho.

Com ajuda de Ritonõpo (Deus) tudo se torna possível!

## RESUMO

Esta pesquisa sobre **MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DO POVO APARAI NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INDÍGENA E DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA ALDEIA BONA, TERRA INDÍGENA PARQUE DO TUMUCUMAQUE** visou problematizar a importância das narrativas de memória e história Aparai originárias da transmissão geracional enquanto elemento de fortalecimento da educação indígena e da educação escolar. Atualmente, parte significativa dos jovens indígenas não reflete sobre a própria história e de seus antepassados e, muitas vezes, desconhece. Este Trabalho de Conclusão de Curso aborda o papel da memória, da história e da narrativa na educação e educação escolar entre o povo Aparai, bem como a pertinência destas para as futuras gerações. Desenvolvi este estudo a partir de conversas, observações, minhas experiências e memórias familiares. Levantei e destaquei as publicações disponíveis sobre os povos Aparai e Waiana e que podem servir de instrumento pedagógico na sala-de-aula. Contudo, os elementos de memória e cultura do povo nem sempre estão presentes nos livros publicados e disponibilizados na escola, por isso a transmissão geracional por meio de narrativas ainda consiste em um elemento fundamental de nossa educação. A escola pode ser um espaço aberto à promoção destas histórias. A educação, seja ela indígena ou escolar, consiste em caminhos necessários e pertinentes para a promoção do saber, da responsabilidade, da educação dos filhos e da transmissão geracional de conhecimento.

**Palavras-chave:** Memórias; Histórias; Educação Indígena; Educação Escolar Indígena; Povo Aparai.

## SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA .....	06
1.1 O Ensino de História através da Escola .....	09
2. A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE OS POVOS APARAI E WAIANA .....	12
3. MEMÓRIAS DO POVO APARAI .....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	29
REFERÊNCIAS .....	30

## **1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA**

Este trabalho **MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DO POVO APARAI NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INDÍGENA E DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA ALDEIA BONA, TERRA INDÍGENA PARQUE DO TUMUCUMAQUE** aborda a importância das memórias e histórias enquanto elementos centrais da educação indígena e da Educação Escolar Indígena para o povo Aparai. A educação indígena está presente em nossas vidas, em nossas aldeias, em nossas famílias e se refere a todos os contextos de relações sociais e culturais na aldeia. A educação escolar é recente entre nós e apesar de se referir especialmente ao espaço escolar, para nós precisa estar conectada com os anseios da comunidade para ter significado.

Em nossa Escola Indígena Estadual Imakuana Amajarehpo, temos uma disciplina ou componente curricular em especial dedicada ao estudo da Cultura Indígena e, nela, muitas vezes, costuma-se abordar a história do povo Aparai, tema pertinente às futuras gerações, como também para a salvaguarda e revitalização de nossa memória e identidade. Porém, apesar de entender a importância desse componente curricular, sabemos que a cultura não está somente nessa disciplina, mas nas demais e no cotidiano das aldeias e por conseguinte na escola.

A pesquisa teve como objetivo principal compreender e problematizar o significado das narrativas de história e memória para o povo Aparai. Muitas informações aqui apresentadas veem de minhas próprias reflexões enquanto mãe e professora, bem como também de conversas e observações. Foi muito difícil chegar nesse tema de pesquisa e concluir este trabalho. Num primeiro momento, tentei pesquisar sobre a vinda dos missionários do Summer Instituto of Linguistics (SIL), que chegaram entre nós em 1960 na Aldeia Karuahpa. Contudo, este tema de estudo apresentou-se muito difícil para ser desenvolvido, pois não tive como coletar informações por não encontrar pessoas que aceitassem serem entrevistadas. Assim, procurei a professora Josinete Oliveira para que me ajudasse na minha pesquisa junto aos missionários Eduardord e Sally, mas não obtive êxito.

Em seguida procurei meu avô, porém, o mesmo disse-me ser muito difícil falar sobre as histórias, pois é necessário conversar antes de iniciar a pesquisa para escrever a

sua história. Então, decidi trabalhar com outro tema, procurei minha orientadora e relatei as dificuldades sobre o desenvolvimento da pesquisa. Assim, decidi reunir os materiais bibliográficos que já foram escritos, publicados e disponibilizados na aldeia sobre os Apalai e Waiana e abordar a importância das memórias e histórias do povo por meio da transmissão de narrativas que eu mesma experienciei, explorando suas relações com a educação indígena e com a Educação Escolar Indígena na Aldeia Bona. Depois de redefinido os estudos e objetivos, voltei a minha aldeia, fiz observações e comecei a escrever o texto.

Eu, Maiara Imakaipy Apalai Waiana, sou filha de Maruanari Apalai Waiana e de Cecília Awaeko Apalai, meus avôs paternos chamam-se Tuarikéh Waiana e Akariuru Apalai e os avôs maternos Jake Apalai e Jawarahto Apalai, todos são residentes na Aldeia Bona, localizada na Terra Indígena Parque do Tumucumaque, na margem do rio Parú de Leste.

Os meus pais nasceram em diferentes aldeias em nossa terra. Meu pai nasceu e cresceu na Aldeia Bona, onde também se casou e mora até os dias de hoje; seu pai era Waiana e sua mãe Aparai. Minha mãe nasceu na Aldeia Kurepeimo, na década de 70. Essa aldeia foi abandonada e todos se mudaram para a Aldeia Suisuimĩn, onde moraram alguns anos, depois se mudaram para a Aldeia Bona, que na época era chamada Karapa eukuru. Nessa aldeia minha mãe cresceu e se casou com meu pai, vivendo até hoje neste lugar. Cecília, minha mãe, é uma importante liderança e pertence ao povo Aparai, sendo considerada uma “aparaí nymyry”, ou seja, seus antepassados são Aparai. Meu pai, Maruanari Apalai Waiana, se tornou Cacique da aldeia, pois herdou a liderança de seu pai Tuarinke Waiana.

Nasci na Aldeia Bona no dia 31 de março de 1989 e cresci nessa aldeia até alcançar 9 anos de idade. Depois, meu avô planejou fundar sua própria aldeia e nós fomos todos juntos, então, morei com eles na nova Aldeia chamada Parapara até os 13 anos de idade. Em seguida, voltei a morar com minha mãe na Aldeia Bona até o ano de 2005, quando ela decidiu me matricular em uma escola na cidade de Macapá. Então, concluí meus estudos em 4 anos na escola pública. Em 2012 fiz o vestibular da Licenciatura Intercultural Indígena em Oiapoque, curso que me possibilita alcançar o ensino superior. Em 2016 voltei a morar na minha Aldeia Bona, onde atualmente estou lecionando como professora de 1º a 5º ano e vivendo com minha família.

O meu povo chama-se Aparai pela parte dos meus avôs maternos e, nessa perspectiva, considero-me mais Aparai, apesar de também ser Wayana por parte dos avôs paternos. Atualmente, meu povo vive na Terra Indígena Parque do Tumucumaque e Rio Parú d' Este, na margem do rio Parú e, também, no Guyana Francesa e Suriname. Tanto os Aparai quanto o Wayana somos falantes de línguas Karíb.

A diferença entre a nomenclatura Aparai para Apalai está relacionada com os pesquisadores não indígenas. Para estes últimos era muito difícil pronunciar o etnônimo Aparai do jeito que nós pronunciávamos. Dessa forma, para simplificar a fala, eles nos nominaram de Apalai. Nas palavras escritas na língua nunca usamos a letra “L”, com isso, a escrita da palavra Apalai foi adotada como uma adaptação dos não indígenas que até hoje nos chamam nominam “Apalai”. Por sinal, nós indígenas levamos o etnônimo como sobrenome, enquanto o nome do povo, entre nós, permanece sendo Aparai.

Sou casada com o indígena Kutanán Waiapi Waiana desde 2007 e tivemos 3 filhos: Khauan Retuhpo Apalai Waiana, Neythan Mautapale Apalai Waiana e Stephany Awaeko Apalai Waiana. Sou professora indígena do contrato administrativo da Secretaria da Educação do Estado desde 2016 e atuo, especificamente, na 2ª etapa da Educação de Jovens e Adultos – EJA Indígena.

Antes de tomar minha decisão para estudar na Licenciatura Intercultural Indígena, fiz vestibular da Faculdade Seama para o curso de Enfermagem, onde passei e cursei até o 3º semestre. Depois tive que abandonar por falta de condições financeiras, situação que me deixou muito triste por não ter concluído o curso.

Em 2012 tive a oportunidade de fazer o vestibular da Licenciatura Intercultural Indígena, sendo aprovada, momento que me deixou muito feliz por ter sido selecionada. Comecei a estudar e tive que recomeçar a construir esse novo sonho para que se tornasse realidade. Desejava ser uma pessoa com faculdade. Encontrei muitas dificuldades durante o meu curso, como financeira, logística e, sobretudo, a compreensão da língua portuguesa. Me esforcei para concluir meus estudos e para que me tornasse uma professora indígena com formação, queria ser professora graduada para poder ensinar em minha comunidade que tanto precisa de professores indígenas.

Durante a pesquisa enfrentei várias dificuldades no desenvolvimento deste estudo, uma delas foi o acesso e a disponibilidade dos mais velhos para falar. Não é fácil convencer



os antigos a rememorar. Recordo-me que no início da pesquisa conversei com um ancião, perguntei a ele se poderia responder minhas dúvidas sobre o passado, contudo, me respondeu que não poderia, pois não recordava e não tinha tempo para falar. Com meu avô, muitas vezes percebi que ele se fechava para não falar, nem sempre quis compartilhar as histórias do povo comigo, pois compreendi que o que ele havia vivenciado no passado, suas lembranças e memórias desencadeavam forte emoção ao recordar. Muitas vezes conversei com minha mãe sobre como conduzir este estudo, ela, por experiência própria, pois também cursou a Licenciatura Intercultural Indígena, me dizia que eu deveria conversar com meus avôs, pois estes falariam, mas quanto aos outros anciões, seria muito difícil.

### **1.1 O Ensino da História através da escola**

O tema “cultura indígena” hoje, especialmente do povo Aparai, é ensinado em nossas escolas, mas antes de implantar esta disciplina ou componente curricular – Cultura Indígena – não havia nenhum tipo de ensino e conteúdo na matriz curricular da escola voltado a valorização da cultura dos povos indígenas. A história do povo Aparai tem espaço e agora é ensinada nas nossas escolas obrigatoriamente, para que os alunos tenham conhecimento e valorizem o passado do povo. Com esta implementação obrigatória, a cultura passou a ser tema da Educação Escolar Indígena.

Tive a oportunidade de aprender as histórias do meu povo e as histórias dos meus antepassados com os meus avós que me contaram de onde vieram e os motivos da mobilidade, entre outras questões, sempre ressaltando a nossa história enquanto povo Aparai. Na escola, dentre os muitos temas de estudo, se ensina a cultura do povo e nossas festas, assim como também nossas histórias; com essa prática, as crianças e os jovens costumam retornar às suas casas, com seus pais, para perguntam sobre o passado, sobre as histórias interessantes e contadas na escola.

Especificamente, os professores indígenas não tem nenhum livro didático de história do povo Aparai que lhes ajude no planejamento e execução de suas aulas, com isso, precisam partir de seus esforços e conhecimentos pessoais para ensinar promover o ensino de histórias que conhecem aos alunos dentro da sala-de-aula. Os professores enfrentam o desafio de lembrar e transmitir o que sabem, mesmo sem acesso a livros,

registram e elaboram as histórias que conhecem e repassam na escola. Em geral, essas histórias emocionam os alunos à medida que estes passam a conhecer o passado.

Entre nós, povos indígenas da Terra Indígena Parque do Tumucumaque e da Terra Indígena Rio Paru d'Este, temos várias escolas que atendem aos diversos povos que vivem nestas terras. Ao longo do rio Paru de Leste, região Bona, temos 14 escolas indígenas de Educação Básica, além de aproximadamente 6 ou 7 escolas anexas, atendendo aos povos Aparai, Wayana, Tiriyo, Akuriyo e Wajãpi, nas línguas aparai, wayana e tiriyo.

A Escola Indígena Estadual Imakuana Amajarehpo fica na Aldeia Bona e consiste na primeira escola implantada entre nós povos da Terra Indígena Parque do Tumucumaque, localizados no município de Almeirim, norte do Pará. Apesar da localização espacial – Estado do Pará –, a jurisdição da escola fica a cargo do Estado do Amapá. O nome da escola representa uma homenagem aos antepassados do povo Aparai e do povo Wayana. Esse nome “é muito forte”, segundo explicou Maruanari, meu pai, “Imakuana” era um importante “wayana tamuru” e “Amajarehpo” um importante “aparai tamuru”, ou seja, ambos eram poderosos e respeitados pajés de seu povo, considerados lideranças antigas e meus ancestrais.

Eu ouvi dos meus avós maternos a história de Amajarehpo, pajé e liderança dos Aparai. Meu avô Jake e minha mãe Cecília me disseram que ele morreu acusado de ter sido o responsável pela morte de duas lideranças de uma aldeia em um ataque, apesar de praticamente todos daquela aldeia conseguirem fugir, chegaram a mataram o pajé-cacique e o irmão dele, que, por ser deficiente, não conseguiu escapar. Todavia, Amajarehpo não cometeu esse fato, e, por ser pajé e se comunicar com o mundo espiritual, acabou descobrindo toda a verdade. Agiu com honra e deixou-se ser executado, sem temer. Porém, àqueles que o mataram, ao retornar à aldeia e ingerir “napoko”, uma bebida feita de cará, vieram a falecer em vingança do pajé morto injustamente, cuspiendo sangue.

A escola oferta o Ensino Fundamental completo (séries iniciais e finais) para 12 turmas e seu quadro profissionais é composto por professores indígenas e não indígenas. A escola tem 8 professores indígenas do contrato administrativo do governo do Estado do Amapá que são, em sua totalidade, professores não concursados e que dependem da renovação de seus contratos, quadro este que faço parte. A escola tem uma única professora indígena efetiva, assim, alcança o total 09 professores indígenas. Dos

professores não indígenas que lecionam na Aldeia, um é concursado e atua apenas no Bona e, temos ainda, outros professores do contrato administrativo também pelo Estado do Amapá que atendem ao Ensino de Jovens e Adultos.

Na Escola Imakuana Amajarehpo ainda não foi implantado o Sistema de Organização Modular de Ensino Indígena/SOMEI pelo estado do Amapá, apesar de as lideranças indígenas estarem lutando para a efetiva implantação deste projeto estadual de Educação que venha a atender aos jovens e adultos. De forma regular e do 1º ao 5º atuam professores indígenas, contudo, do 6º ao 9º ano o ensino é modular para jovens e adultos. Na Terra Indígena Parque do Tumucumaque ainda não temos o Ensino Médio, pois é necessário a elaboração do Projeto Político Pedagógico para que a Escola Imakuana Amajarehpo possa implementar a Educação Básica de forma completa. Em 2017, pela primeira vez, tivemos uma diretora de escola indígena, Cecília Awaeko Apalai, que, por ser a única concursada, assumiu a direção que anteriormente era de responsabilidade de um não indígena.

Dentre as muitas dificuldades no ensino e aprendizagem que os professores enfrentam em sala-de-aula, estão o acesso e a disponibilidade de materiais didáticos e de apoio que oportunizem e atendam a educação escolar em nossa aldeia. Existem poucos livros na escola que abordam temáticas pertinentes a nossa realidade, sobre o nosso povo, por sinal, estes livros costumam ser conjugados entre Aparai e Wayana. Assim, procuro neste próximo capítulo indicar quais são os materiais específicos publicados e que podemos utilizar.

## 2. A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE OS POVOS APARAI E WAIANA

Neste capítulo irei destacar os livros mais conhecidos que foram publicados (Aparai e/ou Wayana) e que são ou podem ser utilizados pelos professores na escola. Muitos destes materiais não são de fácil acesso por encontrarem-se esgotados, não possuir uma versão em pdf que possa circular facilmente e ser reproduzido ou por apresentar poucos ou praticamente nenhum exemplar na escola.<sup>1</sup>

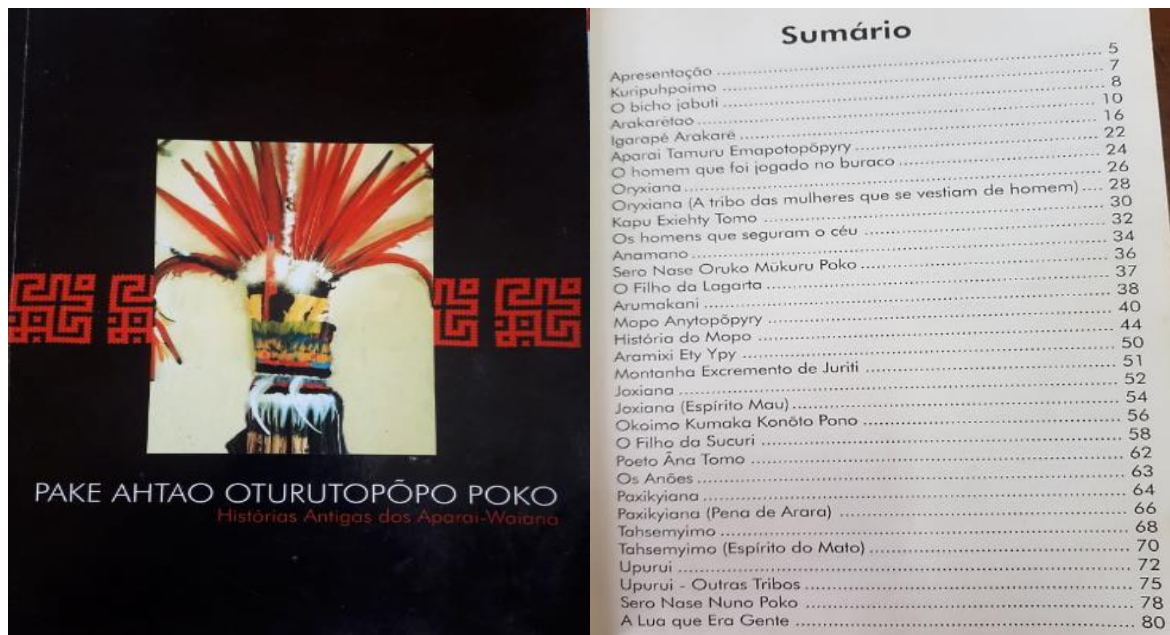
O livro apresentado na Figura 1, *“Pake ahtaoturutopõpo poko – Histórias antigas dos Aparai-Waiana”*, é um dos mais antigos que temos. Os professores Cecília Apalai, Jacuró Apalai, Ariné Apalai, Maruanari Apalai e Setina Apalai gravaram, transcreveram e traduziram as histórias contadas neste livro pelos anciões Tuarĩke Waiana (meu avô paterno), Xamore Waiana Apalai, Araiba Waiana, Sajarepo Waiana Apalai, Purupuruhpano Apalai, Enemahto Apalai, Marina Apalai e Aimore Waiana, todos falecidos, além de Mikita Apalai que ainda está vivo. Este livro bilingue, aparai e português, foi publicado em 1996 pela Secretaria de Educação do Governo do Estado do Amapá, através do Núcleo de Educação Indígena - NEI, que realizou o projeto “Resgate da Tradição Oral Aparai-Waiana” para registrar narrativas contadas pelos anciões. Infelizmente, não temos mais acesso a esse livro e um ou outro exemplar estão com poucas famílias.

O livro *“A pele de Tuluperê”*, na Figura 2, foi escrito em português pela pesquisadora Lúcia Hussak Van Velthem em 1998. Este livro que consiste numa etnografia dos trançados Wayana também não está com fácil acesso, infelizmente não temos muitos exemplares em nossa aldeia e escola, além do que, ele aborda especificamente o povo Wayana, e não Aparai.

---

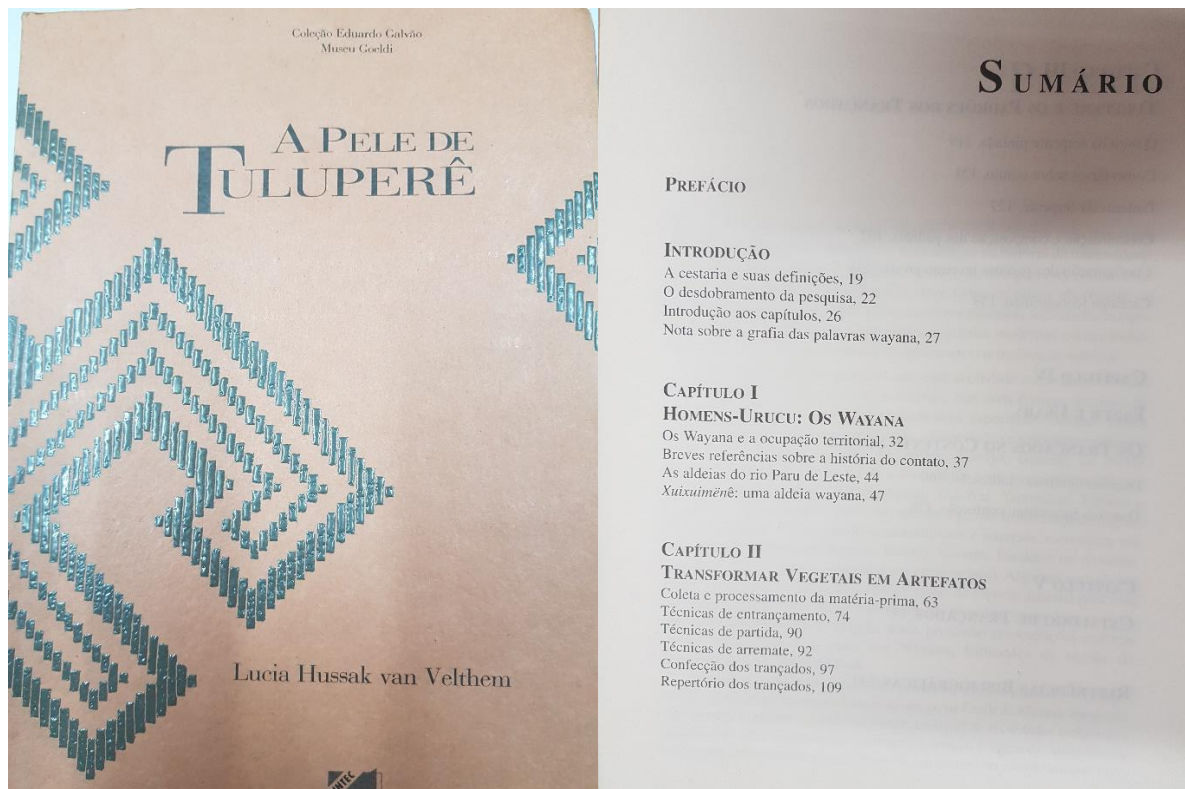
<sup>1</sup> Gostaria de ressaltar que apesar das limitações do livro em pdf, quando ele está disponibilizado em uma versão digital, temos a possibilidade em algum momento de imprimir seu conteúdo e utilizar na escola como um material de apoio das aulas e do professor.

Figura 1: Livro *Pake ahtao oturutopôpo poko* – Histórias antigas dos Aparai-Waiana, de 1996



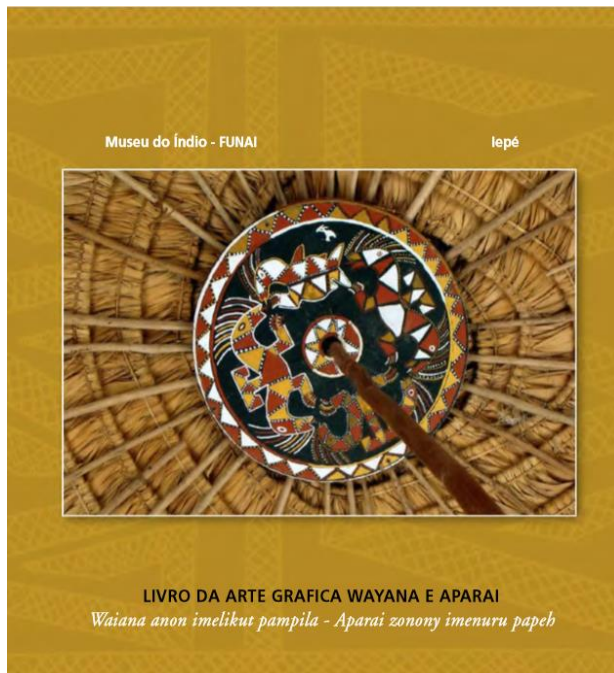
Fonte: CECÍLIA APALAI *et al.* *Pake ahtao oturutopôpo poko* – Histórias antigas dos Aparai-Waiana. Macapá: SEED/NEI; APITU; GTZ; Instituto Cultural Brasil-Alemanha; FUNAI, 1996.

Figura 2: Livro *A pele de Tuluperê: uma etnografia dos trançados Wayana*, de Lúcia Hussak Van Velthem, de 1998



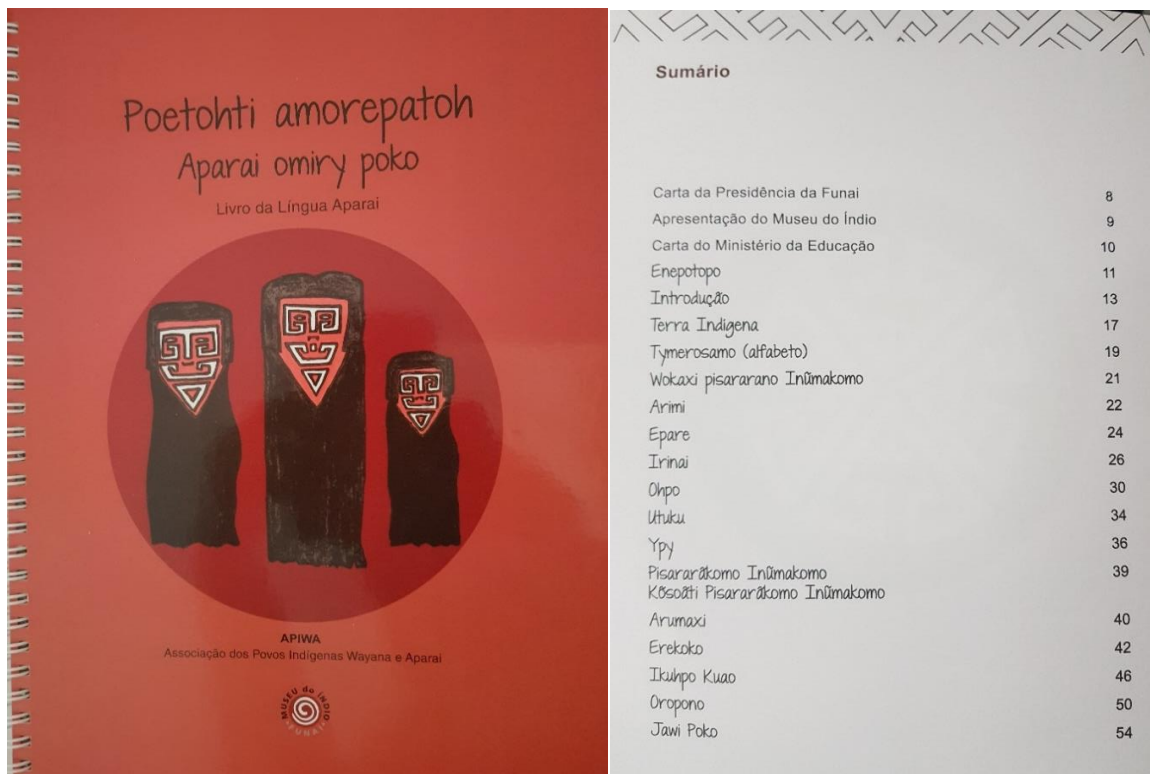
Fonte: VELTHEM, Lúcia Hussak Van. *A pele de Tuluperê: uma etnografia dos trançados Wayana*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

Figura 3: Livro Arte gráfica Wayana Apalai de 2010



Fonte: VELTHEM, Lúcia Hussak Van; LINKE, Iori Leonel Van Velthem. **Livro da Arte Gráfica Wayana e Aparai**. Rio de Janeiro: Museu do Índio - FUNAI/ IEPÉ, 2010.

Figura 4: Livro Poetohti amorepatoh Aparai omiry poko: Livro da língua Aparai, de 2014



Fonte: VELTHEM, Lúcia Hussak Van; LINKE, Iori Leonel Van Velthem (Org.) **Poetohti amorepatoh Aparai omiry poko**: Livro da língua Aparai. Rio de Janeiro: Museu do Índio/Funai, 2014.



Figura 5: O Livro do Arumã – Wama Pampila – Aruma Papeh, de 2014



Fonte: VELTHEM, Lúcia Hussak Van; LINKE, Iori Leonel Van Velthem (Org.). **O Livro do Arumã – Wama Pampila – Aruma Papeh**. São Paulo: IEPÉ, 2014.

Figura 6: O Livro da argila – Ęliwë Pampila – Orino Papeh, de 2017



Fonte: VELTHEM, Lúcia Hussak Van; LINKE, Iori Leonel Van Velthem (Org.). **O Livro da argila – Ęliwë Pampila – Orino Papeh**. São Paulo: IEPÉ, 2017.

Na Figura 3 apresenta-se o livro *“Arte gráfica Wayana Apalai - Waiana anon imelikut pampila – Aparai zonomy imenuru papeh”*, publicado em 2010 por Lúcia Velthem e Iori Linke, IEPÉ/Museu do Índio. Este livro foi construído a partir do trabalho de professores e pesquisadores indígenas com o acompanhamento dos pesquisadores. Uma boa quantidade deste livro, cerca de 15 mil exemplares, foi enviada para as aldeias de nossa Terra, assim, temos vários exemplares nas escolas. Além disso, o livro está disponível no site do IEPÉ e Museu do Índio em pdf.

O livro *“Poetohti amorepatoh Aparai omiry poko: Livro da língua Aparai”*, Figura 4, foi publicado em 2014 e tornou-se um importante material didático para as escolas. Também foi organizado por Lúcia Velthem e Iori Velthem, em parceria com os professores indígenas Aparai Cecília Awaeko Aparai, Setina Wayana, Salatiel Aparai, Abel Aparai, Merimeri Wayana, Amarikua Aparai, Samuel Aparai, Marinalva Aparai e Tukupi Wayana. Este livro foi enviado e está presente nas escolas das aldeias, inclusive, está disponível em pdf. Mais recentemente, Lúcia Velthem e Iori Linke publicaram *“Livro do Arumã – Wama Pampila – Aruma Papeh”* (2014) e *“O Livro da argila – Ęliwë Pampila – Orino Papeh”* (2017), Figura 5 e 6. Utilizando-se da mesma metodologia empregada nas publicações citadas anteriormente, estes livros são multilíngues, escritos no português, wayana e aparai e foram construídos em conjunto com os professores e pesquisadores indígenas, disponibilizando-se muitos exemplares na escola e nas aldeias e a versão em pdf.

Estes 6 livros destacados e que representam o conjunto de publicações principais e conhecidas sobre o povo Aparai, mas também Wayana, entre 1996 e 2017, registram e apresentam algumas narrativas e eventos do passado que se mantem presentes nas memórias dos mais velhos, bem como elementos da cultura material e imaterial. Para a promoção do ensino de história na escola, se faz necessário que os professores procurem orientação com os mais velhos, detentores do saber e conhecimento antigos. Mas esta não consiste em uma tarefa fácil. Apesar dos professores respeitarem a trajetória dos mais velhos, nem sempre conseguem convencê-los a contar as histórias do passado, que seus pais ouviram e presenciaram. O conhecimento sobre a história do povo vem dos mais velhos, dos *tamuxi* e *kunumuxi* – pessoas mais velhas e respeitadas na comunidade –, são eles que narram a história do povo.

Os professores indígenas que ensinam de 1º ao 5º ano procuram trabalhar na língua Apalai a partir das narrativas de história, porém, ainda encontram dificuldades



para desenvolver o ensino e aprendizagem por falta de livros na língua. As crianças quando chegam na escola não falam o português. Assim, é necessário que o professor construa seus próprios materiais didáticos na língua materna, corroborando para que o processo de ensino e aprendizagem alcance êxito.

Vivenciei um episódio singular e que expressa os nossos enfrentamos cotidianos na Educação Escolar Indígena. No ano de 2017 estava lecionando na Escola da Aldeia Bona, com meus alunos maiores, jovens. Na escola tem outras turmas e outros professores, mas o espaço é compartilhado e sem divisórias, possibilitando-se ouvir as atividades e as conversas das outras salas-de-aula. Assim, estava em minha sala quando, por um instante de silêncio, comecei a prestar atenção na sala ao lado, composta por uma turma de crianças em fase de alfabetização.

Recordo-me da discussão nesta aula. A professora indígena desenvolvia suas aulas de forma bilíngue e ensinava os nomes das frutas e dos animais na língua portuguesa, quando uma aluna questionou a professora, na língua materna aparai, sobre que fruta era aquela que aprendiam. A fruta mencionada era a “maçã”. A aluna não conhecia e não sabia o gosto da fruta, então perguntou a professora como era, se podia plantar, onde que tinha, por que ela não conhecia e por que não tinha na aldeia. Por fim, questionou qual era o nome da fruta na língua materna. Enfim, a menina criança estava tentando compreender, por curiosidade, a partir de sua experiência de vida, que fruta era aquela. A professora explicou que a maçã é uma fruta doce e não havia nome na língua porque essa fruta não existe na Terra Indígena dos Aparai. Continuou explicando que a maçã não podia ser plantada na aldeia porque não ia crescer, pois onde moramos é muito quente.

Após esse episódio, fui conversar com a diretora da escola que, coincidentemente, é minha mãe, Cecília Apalai, sobre o que aconteceu, expondo minha inquietação da intervenção da aluna. Na universidade, na Licenciatura Intercultural Indígena, estudamos que é importante a valorização da língua e que a alfabetização deve ser feita na língua materna. Discutimos que as crianças não podem aprender imediatamente o português, que se faz necessário valorizarmos nossa própria língua e, conseqüentemente, nossa cultura. Não obstante, a educação escolar deve partir da nossa realidade cotidiana.

Em consequência dos fatos, a diretora da Escola decidiu conversar com a professora indígena bilingue, para que ela percebesse a importância de a alfabetização ser

feita na língua materna e com exemplos pautáveis a nova realidade. Contudo, percebi posteriormente que a professora ficou magoada comigo, evitando-me cumprimentar. Então, em determinada oportunidade, pude conversar com ela e explicar que meu desejo não era causar intriga ou confusão, mas que ela pudesse perceber a importância de valorizar e desenvolver a alfabetização na nossa língua e com elementos nossos. Argumentei que a professora deveria ensinar mais sobre o que havia na aldeia e não utilizar exemplos da cidade e de fora de nosso contexto regional, com elementos culturais e de vida que nossas crianças desconhecem. A professora compreendeu minhas palavras e, desde então, passou a valorizar em sua sala-de-aula os elementos que fazem parte da nossa cultura.

Em nossa escola existem alguns livros que são utilizados, mas estes não são suficientes para a aprendizagem dos alunos, nem nas séries iniciais e, muito menos nas séries posteriores. Os professores indígenas procuram elaborar os materiais de ensino de 1ª a 9ª ano para que os alunos se identifiquem e para que possamos fortalecer nossa cultura, sem deixar extinguir os saberes ancestrais. Essa tem sido a preocupação dos professores indígenas e do Núcleo de Educação Indígena - NEI/SEED. Contudo, apesar de existirem iniciativas, projetos de livros e materiais didáticos, estes não são suficientemente específicos para as populações indígenas. As dificuldades são muitas apesar de perceber que o NEI/AP vem buscando parceria com as comunidades, escolas, associações indígenas, professores indígenas e os próprios alunos indígenas das aldeias para a elaboração de projetos com a finalidade de construir livros próprios, na língua, respeitando nossa diversidade.

Alguns dos livros que foram escritos e publicados por pesquisadores não indígenas foram construídos em parceria com os professores indígenas, pesquisadores indígenas e pela própria comunidade com a coordenação de Velthen e Linke. Nós indígenas ainda buscamos autonomia para podermos escrever nossos livros, sobretudo quando temos projetos voltados a nossa cultura e história. Necessitamos de parcerias para a promoção e concretização de nossos projetos de cultura.

Alguns professores indígenas estão construindo seus próprios livros contando as histórias do povo, de cultura, da vida cotidiana, entre outros elementos. Como exemplo cito o livro sobre os Aparai e Wayana que o professor Kutanan Waiana está produzindo. Este livro tem o envolvimento também de outros professores na elaboração. Em sua

iniciativa, um primeiro livro está sendo finalizando, chama-se “Amorepatoh tyrisã poko”, iniciado em 2017 na Aldeia Bona, junto com os professores indígenas e com a participação da comunidade. Este livro foi pensado e construído para que possa ser utilizado nas escolas indígenas, na língua Apalai.

Dentre os poucos exemplos de livros que já foram produzidos especificamente sobre os povos indígenas Aparai e Wayana destacam-se os elaborados e escritos pelos próprios indígenas com a ajuda e o acompanhamento dos antropólogos, do Museu do Índio, do NEI/SEED, de Organizações não governamentais e Associações Indígenas. Temos também livros escritos pelos pesquisadores alemães e franceses fora do Brasil, o que dificulta o acesso, sobretudo porque não é feito na língua materna, e muito menos no português.

O livro apresentado na Figura 1, Pake ahtao oturutopõpo poko – Histórias antigas dos Aparai-Waiana, teve a colaboração de um importante pesquisador alemão, Manfred Rauschert Alenani, que percorreu nossas terras e aldeias, ajudou na coleta das histórias que fazem parte do livro. Contudo, deve-se destacar que o pesquisador ao longo de seus estudos conosco registrou muitas histórias e coletou diversos artesanatos antigos que estão depositados no Museu da Universität Bonn, na Alemanha. Estamos em discussão, neste momento, junto a Associação dos Povos Indígenas Waiana Apalai – APIWA, para o retorno e a repatriação destes materiais coletados junto aos nossos povos. Desejamos criar um banco de dados e um acervo destas pesquisas e materiais originários.

Meu avô, que morava na Aldeia Karapa Eukuru, que na tradução significa “óleo de andiroba” conheceu Manfred. Na época ele era vice-cacique da aldeia e, com a chegada do pesquisador alemão, a aldeia mudou de nome por influência do alemão, que a batizou em homenagem a sua cidade natal, Bohn, na Alemanha. Desde então, a antiga Aldeia Karapa Eukuru passou a se chamar Aldeia Bona. Minha mãe contou-me que a chegada do pesquisador Manfred no rio Parú foi no ano de 1955, e que para chegar entre nós, ele fez muitas viagens pelos rios da região, saindo da aldeia definitivamente em 1998.

Dentre os livros escritos na língua Aparai, destaco também a Bíblia. Os missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL) trabalharam na elaboração, tradução e transcrição da Bíblia cristã para a língua aparai, com a participação dos Aparai mais antigos. A Bíblia não é um livro utilizado na escola, não tem essa finalidade, mas a

atuação do SIL e a tradução da Bíblia contribuiu muito para que os Aparai aprendessem a ler e a escrever, principalmente aos mais velhos, que tiveram contato direto com os missionários do SIL.

Meu avô contava que o casal de missionários o procurou, pois ele era um “Aparai nymyry”, ou seja, um “Aparai puro”. Explica que estes missionários entraram para fazer a tradução da Bíblia na língua materna aparai. Eles queriam contato com um falante de origem aparai que não tivesse “mistura” com outro povo, uma vez que os casamentos interétnicos são muito comuns na TI Tumucumaque.

Relatou também que esse casal estava empenhado em compreender e fazer tradução, mas que, no primeiro momento, tudo foi muito difícil, pois Eduardo Koehn e sua esposa Sally estavam com dificuldades para entender o aparai e, também, para entender a língua portuguesa. Por outro lado, meu avô apresentava a mesma dificuldade para entender a língua destes estrangeiros, o inglês, bem como para compreender o português. Então, Eduardo começou a aprender a língua aparai para poder trabalhar na tradução. E de fato conseguiu, o que permitiu que ele pudesse escrever o Novo Testamento da Bíblia em aparai e, em seguida, pudesse trabalhar no Velho Testamento, traduções que levaram anos para se concretizarem. A Bíblia foi finalmente lançada no ano de 2018 na Aldeia Bona (Foto 2 e 3).

Foto 1: Casal do SIL Eduardo e Sally Koehn em 2018, na Aldeia Bona



Fonte: Kutanan Wajãpi Wayana, 2018.

Foto 2: Evento de entrega do Velho Testamento da Bíblia em Aparai, na Aldeia Bona em 2018



Fonte: Kutanan Wajãpi Wayana, 2018.

Foto 3: Entrega do Velho Testamento da Bíblia em Aparai, na Aldeia Bona em 2018



Fonte: Kutanan Wajãpi Wayana, 2018.



Foto 4: Eu e minha família com Eduardo e Sally Koehn



Fonte: Kutanan Wajãpi Wayana, 2018.

Na foto 4 está minha família com o casal que veio nos visitar na aldeia, assim, da esquerda para a direita está minha mãe, Cecília, Sally e Eduardo, meu avô Jake, meu pai Maruanari e eu, com a minha filha Stephany Awaeko. A relação de meu povo Aparai com estes missionários é muito interessante. Ouvi as histórias do contato deles através dos meus avôs. Contam que eles costumavam participar dos rituais e festas que o povo fazia. Naquele tempo da chegada destes missionários, os povos Wayana e Aparai realizavam a festa tradicional Epurutopo (Tucandera), que a partir dos anos 1990 deixou de ser realizada.<sup>2</sup>

Depois que eu entrei para a universidade, conheci muitos colegas indígenas de outros povos que narravam em sala-de-aula que no passado haviam sofrido a proibição da língua. Então eu me perguntava, porque nós Aparai ainda falávamos a língua se no passado os “karaíwa” (não índios) nos proibiam?! Assim, procurei respostas com o meu

---

<sup>2</sup> Este ritual Epurutopo era realizado pouco antes ou após a primeira menstruação das moças, mas também participavam os meninos jovens. Estes recebiam as picadas da formiga tucandeira por todo o corpo e que ardem muito. Tinham que cumprir as regras dos pajés e rezadores, passavam a fazer um resguardo alimentar rigoroso que podia durar por até 3 anos. De acordo com a tradição, o processo de resguardo era somente acompanhamento pela pessoa que desenvolveu o ritual. É importante dizer que hoje temos a influência de outros alimentos que mudaram a nossa dieta alimentar, influenciando nosso corpo. O ritual era feio para proteção, para que não pegássemos as doenças que haviam. Infelizmente, me recordo muito pouco deste ritual que presenciei quando criança na Aldeia Bona.

avô Jake Apalai, para compreender porque nossa língua é muito forte, porque nossas tradições e elementos de cultura ainda estão presentes entre nós, como o vestuário. Meu avô explicou que temos relações com os não indígenas de muito tempo e, que, inclusive, os indígenas Wayana vieram do Suriname pregar a fé cristã em nossas aldeias, com alguns missionários. Diziam que, para alcançar “Deus”, tínhamos que deixar a nossa cultura, nossos rituais e tradições, pois o “Deus” deles era capaz de trazer elementos próprios para a nossa autonomia e sobrevivência.

Os missionários evangélicos chegaram antes de meu nascimento e, também, antes de minha mãe nascer, pois conforme me contou Cecília, não havia contato com outras religiões, como a católica. Quando eu era uma criança, não sabia o que era a “Bíblia” e nem sabia o que os missionários estavam fazendo junto aos meus avôs. À medida em que os anos foram passando, comecei a entender. Meu avô sempre falava do “Deus Cristão” para mim, que em nossa língua é chamado de “Ritonopo”, a entidade que nos fez. Quando pequena, recordo-me que muitas vezes os mais velhos estavam no culto que era realizado por Eduardo e Sally, enquanto nós crianças ficávamos na casa destes missionários, em um espaço próximo, brincando e olhando as cartilhas que apresentavam figuras bíblicas.

Quando os missionários terminaram de escrever o Novo Testamento, a primeira tradução, eu pude pegar a Bíblia pela primeira vez. Tinha pouco mais de 11 ou 12 anos de idade, como já sabia ler e escrever na língua, pude começar a ler esse livro.

Segundo conta minha mãe, já tínhamos contato com os não índios há muito tempo atrás, sobretudo com os gateiros e com os balateiros. Os gateiros matavam e tiravam a pele das onças para comercializar e os balateiros são os seringueiros, que extraíam a borracha da árvore seringueira também para a comercialização. Minha mãe recorda que a Força Área Brasileira - FAB e a Fundação Nacional do índio - Funai vieram até nós para nos ajudar com nossos direitos indígenas, inclusive foram estes que nos trouxeram a educação escolar e a atendimento a saúde, contudo, apenas na Aldeia Bona.

### 3. MEMÓRIAS DO POVO APARAI

Temos histórias que são contadas pelos fundadores das aldeias, através da oralidade e, que, nunca foram grafadas, escritas, mantendo-se presentes em nossas narrativas de memória. Todas as histórias que eu sei foram contadas pelos meus avós maternos, pois cresci com a presença deles até alcançar 14 anos de idade. Durante esse período de vida eles contaram-me várias histórias que eles vivenciaram e que foram contadas pelos anciões que já se foram.

Nossas histórias estão depositadas nas memórias dos mais velhos da Aldeia, pois são eles os detentores do saber e da experiência. No percurso da transmissão geracional, os filhos contam para seus filhos, que por consequência contam para aos netos e assim por diante. Por outro lado, existem histórias que são contadas pelo cacique, pelos filhos de cacique ou até pelos pajés. A liderança da Aldeia é comandada pelo cacique fundador da respectiva Aldeia. Ao encerrar sua chefia, falecer e ser enterrado no centro comunitário da Aldeia, o antigo cacique deixa escolhido seu herdeiro de poder e direito que, geralmente é seu filho homem e primogênito. Se não tiver um filho para assumir, poderá escolher seu irmão na sucessão de linhagem, mantendo-se sempre a liderança na mesma família, hereditariamente.

Os antigos contam muitas histórias e essas marcam nossa memória, como a história Anamano, que inclusive está no livro *“Pake ahtao oturutopôpo poko – Histórias antigas dos Aparai-Waiana”*. A história Anamano, que fala sobre um homem que tocava muito bem sua flauta, foi compartilhada por meu avô Jake, pai de minha mãe, quando eu tinha aproximadamente 9 anos de idade. Ele contou em nossa Aldeia Bona, em família, estavam presentes eu, minha irmã pequena chamada Totori, meus primos e primas Apikeu, Oporouru, Amajarehpo e a minha tia Serieuru. Assim, fiz um breve registro aqui dela, que segue na língua e com tradução:

#### ANAMANO

Sero nase Anamã watopôpyry poko pake ahtao.

Mane kurehpie turueme tyrise eya, taryryhpokase eya te, zehpa roropa tyrise tuatohme. Mame toremiase ynororo, ynanara âko eremiry:

- Tue-tue, jeky menepono, joty moupono, joty touko mykane, tuetue, âko eremiry. Morararo enekure potuirueny tymere potu, inyrihpyry. Mame aposemy-a totopose. Yrome aposemy a totose tuaro aexiryke, ynara sero nase Anamã ehtopôpyry pake ahtao.



## ANAMANO

Antigamente o Anamano dançava e cantava. Sua flauta era feita de palmeira. Ele tirou toda a massa que ficava dentro da palmeira e fez também um buraco e tampou com uma tábua que se chama “zehpa”. Então ele começou a cantar.

- Tue-tue, jeky menepono, joty moupono, joty touko mykane, tuetue.

Este era o cântico dele. E também a sua flauta era muito bonita e pintada.

O chefe da festa mandou o Anamano tocar a sua flauta, porque ele sabia tocar muito.

Essa história de Anamano é mais extensa do que escrevi, contudo, registrei o que minhas memórias me permitiram lembrar. Ouvíamos muitas histórias. Meu avô costumava contar para nós a noite ou quando fazia seus artesanatos e cestarias. Recordo-me de uma outra história em especial, “Tamoko”, compartilhada oralmente enquanto ele construía a máscara de Tamoko (Figura 7). Essa história é sobre seres sobrenaturais que tiveram desavenças com as pessoas e resolveram buscar vingança, precisando da intervenção do pajé. Segue a história rememorada de minhas lembranças no português:

## TAMOKO (Máscara)

“Mame pake ahtao” (aconteceu a muito tempo atrás). Um caçador aparai foi caçar e viu a fruta de uma árvore (opyahpo) pelo chão, assim ele imaginou que havia uma caça ou animal ali. Logo, o caçador pensou em ficar de tocaia (tâto), observando; então fez e foi embora para sua aldeia. No dia seguinte ele saiu bem cedo para esperar, chegando lá e ficou observando, começou a esperar a caça vir, mas a caça não aparecer, assim, disse para si mesmo – Ué, porque a caças não estão aparecendo, pois a fruta comida?! Logo depois veio chegando algo estanho que ele nunca viu na sua vida “era o tamoko”. O caçador ficou parado, em silêncio, na tocaia e observando atentamente quem era aquele ser sobrenatural, pois era todo preto e o rosto bem desenhado e pintada. O tamoko começou a se alimentar com a fruta vagorosamente e foi embora no final da tarde. O caçador retornou a sua aldeia correndo. Quando foi a noite ele contou para sua esposa e a notícia que se espalhou pela aldeia rápido e chegou ao conhecimento de um amigo do caçador. Imediatamente esse amigo foi perguntar ao caçador o que ele viu na sua caçada. Então respondeu-lhe que não viu nada, mas esse amigo insistiu até ele contar. Então no dia seguinte eles foram bem cedo no local onde havia visto Tamoko, o caçador avisou seu amigo para não fazer alguma coisa com ele, pediu apenas para ver e observar. Mas o dito amigo não cumpriu e flechou Tamoko. Em seguida Tamoko se vingou e matou o homem que o flechou. O caçador correu na direção da aldeia para avisar a comunidade sobre o acontecimento. Contudo, Tamoko não parou de se vingar, eles vieram para aldeia guerrear com os aparai. O caçador saiu da aldeia para avisar outros e levou sua esposa junto. Os Tamoko estavam vindo atrás para matá-los e acabaram com 5 aldeia e a sexta aldeia era a do Pajé grande e poderoso. O caçador foi direto para falar com Pajé, que já sabia e orientou seu povo a fazer tocaia e cigarro para a reza e o ritual de comunicação com os espíritos dos Tamoko. O pajé conseguiu se comunicar e começou a dialogar, disse que eles poderiam parar de matar os aparai, pois já haviam se vingado. Mas o Tamoko disse que não ia parar de matar aparai até chegar o fim. O pajé respondeu – Se você mexer com meu povo, você vai se ver comigo! E então Tamoko desafiou o Pajé que ia matar todos. O Pajé então construiu uma proposta. O Tamoko iria matar um espírito que o Paje criou. Essa armadilha que pajé criou dava na direção do por do sol, onde o espírito aparece gritando e parece ser

humano, Tamoko ia seguindo este espírito e quando foi a hora certa, o Pajé prendeu o Tamoko com “orino” (cerâmica). Desde então, os Tamoko nunca mais mataram os Aparai.

Às vezes, ao narrar uma determinada história, minha avó o interrompia, querendo complementar a mesma. Meu avô ficava muito bravo, parava de contar e dizia que, se ela quisesse contar a história, que contasse tudo! Recordo-me que pedíamos para continuar, mas ele não continuava.

Os mais velhos hoje não querem contar mais as histórias do passado aos jovens, existe uma certa falta de confiança na juventude, ainda que esta apresente-se por vezes interessada nas histórias. Os antigos acreditam que não devem narrar suas memórias para qualquer pessoa, sobretudo, para àqueles que não pertencem a sua família. Na narração, Aparai as histórias eram contadas somente aos filhos e irmãos, bem como de ancião para ancião. Hoje, os jovens não se interessam em perguntar sobre nossas histórias para seus pais. Por outro lado, os mais velhos não querem contar suas narrativas, não encontram a confiança necessária para compartilhar as histórias, pois sabem que o jovem possui família e parentes que podem-lhe contá-las. Portanto, talvez essa seja a dificuldade que os professores encontram para interligar educação indígena com a educação escolar.

Os anciões não costumam mais contar as histórias aos jovens. Nos últimos anos ocorreram episódios e situações que possibilitaram os antigos a se recusar a contar as histórias. Muitos não indígenas no passado iam até as aldeias e coletavam as histórias e os objetos do povo em nossas aldeias, contudo, nada retornava. Assim, em Assembleias indígenas promovidas, decidimos que as histórias e os objetos não serão mais compartilhados sem que se atenda ao termo de compromisso pelo pesquisador, sobretudo não indígena. Essa deliberação visa cuidar do patrimônio cultural material e imaterial de nossos povos.

Figura 7: Fotografia da Máscara Tamoko



Fonte: Maiara, 2018. Foto de Máscara Tamoko, exposta na APIWA e elaborada por Paulício Apalai.

Os jovens aparentemente não tem tanto interesse em ouvir as histórias contadas por seus pais, acusam ser “perca” de tempo. Essa realidade provocou a escola a intervir para mudar essa situação. Os meus avós me ensinaram a importância de ouvir as histórias, para que eu pudesse absorvê-las, guardar em minhas memórias, por certo, memorizar. Recordo-me que faziam a gente levantar de madrugada por volta das três horas da manhã para ouvir. O meu avô Jake Apalai dizia, num dia antes, que deveríamos nos preparar e buscar lenha para fazer a fogueira que era acesa na madrugada. Por certo, tínhamos que

nos levantar cedo. Lembro que dizia também que isso fazia parte da nossa cultura de antigamente. As histórias eram contadas com a fogueira acesa, eram os mais velhos e lideranças que contavam as histórias para os mais jovens e, durante esse momento singular, todos os jovens da aldeia tinham que participar do momento de narração de histórias do povo.

Hoje esse tipo de narração não acontece mais. Os anciões estão falecendo, os mais jovens não praticam essa forma própria e particular de rememoração, apesar de haver ainda pessoas que praticam isso em poucas aldeias. Os jovens e os pais não praticam isso por vários motivos, como por falta de interesse, por não saberem como tradicionalmente é realizada a transmissão de histórias.

Mas um outro movimento importante acontece de revitalização e fortalecimento dos elementos de cultura. As histórias do povo Aparai são contadas nas nossas escolas aos estudantes, como: as histórias ditas “reais” e as histórias associadas a “mitologia” do povo Aparai, seja para crianças como para os jovens, na disciplina de Cultura Indígena em todas as escolas indígenas do Estado do Amapá. No passado isso somente acontecia com o ensino das crianças nas séries iniciais, mas hoje os jovens do Ensino Fundamental também têm essa disciplina. O objetivo é despertar a curiosidade, logo, instigados, perguntarão para seus pais buscando aprofundar mais as histórias do seu povo. Na escola o professor indígena trabalha e deve trabalhar com essa educação, com o objetivo de provocar nos estudantes o desejo por conhecer suas próprias histórias.

Dentro da escola também são contados vários tipos de histórias pelo professor. Os estudantes fazem atividades em cima do tema abordado e, assim, começam a fazer pesquisas e a entrevistar seus pais e outras pessoas para saber um pouco mais de história. A realidade evidencia que, muitos aparai hoje, não conhecem suas histórias, mas com ajuda da escola acabam por ser influenciados a conhecer sobre sua cultura e identidade. A educação indígena consiste em um elemento fundamental em nossa sociedade, o povo Aparai sempre promoveu a manutenção dos saberes de educação e cultura. Secularmente ensinamos nossos filhos a viver no mundo e a promover suas vidas. A educação indígena, transmitida de pais para filhos, visa ensinar vários elementos indispensáveis ao bem viver, como a fazer roça, elaborar artesanatos, construir nossas casas, saber pescar e caçar, além de aprender outras coisas relacionadas a educação cultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meus avôs maternos marcaram minha vida, as histórias que me contaram além de descrever a trajetória de vida deles e de meus ancestrais – por onde passaram antes de se instalar definitivamente no margem do rio Parú, explicando onde os Aparai viveram primeiramente, no igarapé Aramatuhpa, em Almeirim (PA), lugar de onde somos –, ajudaram a me fortalecer enquanto Aparai. Inicialmente, este trabalho visou problematizar as memórias e histórias do povo Aparai, reconhecer os materiais publicados e as contribuições inerentes desses processos para o fortalecimento da educação indígena e da educação escolar indígena. Contudo, percebi no desenvolvimento deste que para além de valorizar e recuperar os significados dessas histórias e memórias do povo Aparai, este estudo exemplifica, muitas vezes em primeira pessoa, a importância da transmissão geracional de narrativas nas relações entre jovens e velhos. Desejo que este trabalho motive muitos jovens a ouvir os antigos que ainda estão acessíveis em nossas vidas.

Acredito que devemos conhecer para não esquecer nosso passado. Infelizmente, nem todos jovens conhecem ou sabem a história do seu próprio povo, hoje é raro encontrar um jovem Aparai que conheça, pois muitos fatores intervêm sobre isso. Por outro lado, existem àqueles que se interessam em ouvir as histórias dos seus pais e avós. Dessa forma, se faz importante compartilhar as histórias com as crianças e com a juventude para que a transmissão geracional, nossos saberes, nossos conhecimentos e nossas histórias não venham a desaparecer definitivamente. Mediante isso, temos que nos esforçar enquanto pais, mães e, sobretudo, professores indígenas no fortalecimento da educação indígena e da educação escolar, assim, manteremos vivas as histórias e memórias dos mais velhos.

A educação familiar, a educação indígena se traduz num elemento fundamental para o nosso povo até o presente momento. Contar, ouvir e conhecer histórias é sinônimo disso e sempre se fez presente em nossa sociedade, como parte da cultura. Antes de frequentar a escola, as crianças e jovens indígenas aprendem com seus pais e avós sobre suas responsabilidades, sobre a condução da vida e como enfrentar o futuro. Os pais e os avós procuram preparar os jovens para que no futuramente não sofram com as responsabilidades, consigam aprender com aqueles que possuem experiência.

A educação escolar consiste em um espaço na aldeia que nos ajuda a conhecer os direitos indígenas, as leis do Brasil e muitas outras coisas que um cidadão brasileiro precisa saber. Conhecemos na escola a Constituição Federal Brasileira (1988) e revisitamos os direitos indígenas instituídos e que foram resultados da luta das lideranças indígenas. A Educação Escolar Indígena torna-se cada vez mais um elemento importante para o fortalecimento de nossas comunidades indígenas, mas ela não representa o único espaço de conhecimento. Precisamos valorizar as narrativas dos antigos, compartilhar com nossos filhos e alunos, revitalizar os saberes antigos e as histórias e memórias que ainda persistem nas narrativas de nossos pais e avós para além da escola.

## REFERÊNCIAS

- CECÍLIA APALAI; *et ali*. **Pake ahtao oturutopôpo poko** – Histórias antigas dos Aparai-Waiana. Macapá: SEED/NEI; APITU; GTZ; Instituto Cultural Brasil-Alemanha; FUNAI, 1996.
- VELTHEM, Lúcia Hussak Van. **A pele de Tuluperê**: uma etnografia dos trançados Wayana. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.
- VELTHEM, Lúcia Hussak Van; LINKE, Iori Leonel Van Velthem (Org.). **O Livro do Arumã - Wama Pampila - Aruma Papeh**. São Paulo: IEPÉ, 2014.
- \_\_\_\_ (Org.). **O Livro da argila - Ëliwë Pampila - Orino Papeh**. São Paulo: IEPÉ, 2017.
- \_\_\_\_. **Livro da Arte Gráfica Wayana e Aparay**. Rio de Janeiro: Museu do Índio - FUNAI/IEPÉ, 2010.